

ARTIGO

O NORDESTE BRASILEIRO E O NOROESTE ARGENTINO: O SERTÃO CEARENSE E O CHACO SECO SANTIAGUEÑO EM MEIO ÀS SECAS DA DÉCADA DE 1930

THE BRAZILIAN NORTHEAST AND THE ARGENTINE NORTHWEST: CEARÁ'S COUNTRYSIDE AND THE DRY CHACO SANTIAGUEÑO AMID THE DROUGHTS OF THE 1930S

LEDA AGNES SIMÕES DE MELO¹

RESUMO

O estado do Ceará, localizado no Nordeste brasileiro e a província de Santiago del Estero, pertencente ao Noroeste argentino, são compostas por áreas semiáridas. Na década de 1930, ambas foram acometidas por uma forte seca que ocasionou fome, migrações, desemprego e sede, para as suas populações. Para este artigo, nos interessa compreender como essas regiões foram narradas pelos jornais *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e *El Mundo*, de Buenos Aires, em meio as secas. Em particular, analisar como essas construções discursivas estão ligadas também ao padrão de sociedade moderna que atravessa as histórias desses territórios ao longo dos séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Seca; Discurso; Modernidade.

ABSTRACT

The state of Ceara, in the Northeast region of Brazil, and the province of Santiago del Estero, located in the Northwest region of Argentina, are partially composed by semiarid areas. In the decade of 1930, both of these States were affected by a severe drought, which caused hunger, migration, unemployment and thirst to their population. For this particular article, we are interested in understanding how these regions have been narrated by the newspapers *Correio da Manhã*, from Rio de Janeiro, and *El Mundo*, from Buenos Aires, when the drought was taking place. Particularly, we intend to

¹ Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6247-5584>

comprehend how these narratives of speech are related to the idea of modernity that is present in these territories histories throughout the centuries.

KEYWORDS: Drought; Speech; Modernity.

Introdução

O Ceará é um dos estados pertencentes ao Nordeste brasileiro, Santiago del Estero é uma província localizada no Noroeste argentino (NOA), ambos, apesar de não estarem próximas no mapa América Latina, encarnam na trajetória das suas regiões a geografia semiárida e a seca permeia suas histórias. Por isso, para este artigo, analisaremos como a imprensa noticiou a seca de 1932, no Ceará, e a de 1937, em Santiago del Estero. Refletiremos, especificamente, como o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e o periódico *El Mundo*, de Buenos Aires, narraram esses fenômenos e como as visões, contidas nesses discursos, têm um fundo histórico de longa duração.

O *Correio da Manhã* de 1930 a 1934, foi uma tribuna para diversas questões e reflexões sobre os sertões. Já *El Mundo* em todo o ano de 1937, com notas pequenas, ou com reportagens que ocupavam páginas inteiras, fez uma grande campanha assistencial para os atingidos pela crise climática *santiagueña*. Além disso, o periódico enviou para Santiago del Estero o escritor Roberto Arlt, que passou a escrever crônicas sobre a seca intituladas *El infierno santiagueño*. Partimos da premissa que esses jornais, localizados nas capitais, viam essas regiões pelo estigma do outro, da pobreza, da escassez, de uma natureza-problema que justificavam a desigualdade regional existente. Tais visões, fazem parte de um ideal de sociedade moderna que passou a ver áreas do interior como atrasadas,

arcaicas e, por vezes, dotadas de modelos de vida que os impediam de progredir.

No Nordeste brasileiro, essas ideias foram construídas historicamente e fazem parte do imaginário sobre os sertões até os dias atuais. Por exemplo, a grande seca de 1877 no Ceará é um marco no que diz respeito a construção discursiva sobre os sertões. Albuquerque Júnior (2012) relata que se passou a divulgar fotografias do que ficou conhecido como os flagelados, isto é, sertanejos que migravam, crianças, adultos, famílias pobres, barrigudas, cadavéricas, em estado de penúria, que saíam nas páginas dos jornais do Sul. A partir desta seca, a crise climática passava a ser uma forte arma nas mãos de uma elite local que visava conseguir verbas para os socorros das populações sertanejas, embora muitas tenham sido desviadas para outros fins.

Em 1930, Getúlio Vargas desejava criar uma imagem do homem brasileiro e do que seria o verdadeiro Brasil. Assim, o sertanejo, por não ter influência de qualquer cultura estrangeira, porque estavam isolados dessas interferências, foi visto como o autêntico nacional. No entanto, essa imagem fez com que essa população fosse ainda percebida como o outro, o diferente do litoral, o passível de se modernizar. Por isso, consideramos que quando uma seca assolava os semiáridos, a dicotomia modernidade *versus* atraso atravessava certas ideias que já se tinham sobre eles. No Brasil, o sertão do atraso é uma narrativa naturalizada historicamente e que, na verdade, esconde tramas antigas como, por exemplo, a relação de desigualdade social existente entre uma oligarquia latifundiária dominante na região e a população rural sertaneja.

Na Argentina um forte marco na construção discursiva sobre regiões do chaco do Noroeste argentino, foram as chamadas Conquistas do Deserto, no final do século XIX. Carlos Lois (2011) explica que essas campanhas viam a fauna da região como impenetrável, como “*desierto del norte*”, por isso, também eram consideradas áreas vazias de civilidade e vinculadas à barbárie. Todo esse contexto em torno do deserto ou da região impenetrável, na realidade, se consolidava por meio de um discurso de dominação sobre o território, em nome da civilização e do progresso da nação, e em defesa dos valores morais e nacionais. Os índios, que eram as populações que ali habitavam, foram eliminados ou usados como mão de obra nas fábricas.

No século XX, o Noroeste apesar de não ser considerado mais como vazio de civilidade, ainda era visto como o outro, o distante dos centros de poder e do progresso. Bernardo Canal Feijóo, autor *santiagueño*, assinalava que havia uma narrativa da capital Buenos Aires que somente olhava para NOA como “*la parte difícil y no poseída de la patria*” (1942, p. 8) e, assim, seguiam demonstrando sua impotência imaginativa quando se tratava de representar o panorama da realidade ultra-pampeana.

Na década 1930, certos discursos sobre Santiago eram vinculados ao passado colonial, à influência indígena, à língua quéchua e ao folclore. Tais narrativas, no imaginário nacional, fizeram com que Santiago fosse vista como uma região “resistente” à modernidade ou, como neste contexto, uma área pouco avançada no sentido de progresso. Essas práticas discursivas foram naturalizadas ao longo do tempo. María Cecilia Rossi explica que o signo do moderno, que surge principalmente na

segunda metade do século XIX em Santiago del Estero, girava em torno da tomada de poder de parte da oligarquia local, nos diversos projetos modernizadores que configuraram as relações de poderes locais (ROSSI, 2004, p. 9).

No século XX, a Argentina, ao repensar o ser nacional, o fez também por meio de uma vertente intelectual que passou a questionar o *criollismo pampeano*. Como analisa Alejandra Mailhe, eles eram vinculados ao antipositivismo modernista e passaram a ver, principalmente, no Noroeste, a “real” Argentina. Isso se dava em oposição à cidade Buenos Aires, definida negativamente por sua europeização. Como analisa a autora, vários discursos que reivindicam a espiritualidade e a miscigenação indo-hispânica formavam uma visão idealizada do passado colonial, como se neste período uma matriz de sociabilidade coesa tivesse sido forjada e assim se teria selado um ethos de identidade duradouro na Argentina, capaz de compensar o impacto da migração (MAILHE, 2017, p. 22).

Nos escritos de Ricardo Rojas, por exemplo, autor *santiagueño*, o Noroeste, e em particular Santiago del Estero, passou a ser valorizado em função tanto do seu passado arqueológico prestigioso, como do peso do mundo colonial hispano-indígena, mais autêntico do que em outras áreas do país (MAILHE, op. cit., p. 22-23). Isso significava que “o resgate da diversidade cultural constituiu-se em impulso decisivo para a modernização” (VELLOSO, 2003 p. 357). Mailhe diz que o modelo de Rojas se aproxima ao de Gilberto Freyre, autor regionalista do Nordeste brasileiro que, na década de 1920 e 1930, passou a liderar um grupo que disseminava a ideia de uma originalidade da região, das suas tradições, em

contraposição ao Sul do país, influenciado pela presença estrangeira, motivo pelo qual não podia representar o ideal de país almejado naquele contexto.

A valorização da tradição, neste sentido, passava pela manutenção de uma elite local, de seu passado prestigioso e de um “imaginário aristocrático” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 103). Em contrapartida, a população rural ainda era vista como o diferente por essas elites. Isso significava que os sertanejos e, podemos pensar também, as populações do *chaco santiagueño*, não dominavam os códigos da vida urbana, da vida moderna, como explica Albuquerque Júnior ao analisar o caso do Nordeste brasileiro.

Acreditamos que as cidades de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, muitas vezes, entendiam esse apego à tradição como atraso, se comparado às suas cidades construídas pelo vislumbre da sociedade burguesa, moderna e urbana. Por isso, o encontro da capital com o sertão cearense ou com o *chaco santiagueño*, entra em choque, em alguns aspectos, com a imagem da vida moderna,² como veremos nas narrativas do *Correio da Manhã* e de *El Mundo*. Anibal Quijano (2005) chama o imaginário do mundo moderno, de um fantasma que perpassa a história da América Latina como um todo.

Nesse sentido, entendemos que o território não está apenas relacionado à questão de poder, o tradicional “poder político”, mas

² Walter Mignolo explica que “Modernidade” era o termo que os europeus usaram para espalhar “a visão heroica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir. E aquela história era a história do capitalismo imperial (havia outros impérios que não eram capitalistas) e da modernidade/ colonialidade (que é a cosmologia do moderno, imperial e dos impérios capitalistas da Espanha à Inglaterra e dos Estados Unidos)” (2008, p. 293 e p. 316).

refere-se “tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico de apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 1). O que significa pensá-lo imerso nas relações de dominação e/ou apropriação, que vão desde uma dominação político-econômica a outra mais subjetiva cultural-simbólica. O território deve ser entendido por meio dos sujeitos que exercem o poder sobre ele e que o controlam, por isso, ele tem função tanto servir como recurso – como abrigo ou como um recurso natural – quanto de exercer uma função simbólica, sem que um prevaleça sobre o outro (Ibid, pp. 2-5). Logo, tal conceito, encarna, em si mesmo, as diversas correlações de força e, no sertão cearense, esse poder estava sob o comando da elite latifundiária algodoeira-pecuarista que mantinha sobre sua dependência o pequeno produtor rural, o sertanejo mais pobre, em relações que perduraram ao longo da história nessa região.

Em Santiago del Estero, Alberto Tasso e Carlos Zurita mostram que o cenário das comunidades rurais constitui um local clássico onde a ruralidade, a pobreza, a migração estacional e a exploração operam como fatores estruturais. Os autores apontam que sobrevivem – até os dias atuais – as mesmas relações de dominação que eles chamam de “*el patronazgo y al peonazgo, unidos por el lazo clientelar*” nessas áreas (TASSO e ZURITA, 2013, p. 41). Isso se deve porque há uma estrutura agrária bimodal, quer dizer, existe uma marcada concentração e polarização da propriedade, o que configurou a existência de um “*campesinato con ánimo de dueño*” (VILLALBA, et.al, 2020, pp. 2-5). Este sujeito realiza a ocupação precária da terra privada ou fiscal, carece dos títulos de propriedade e,

por isso, essas terras se convertem em territórios de disputa, dando lugar a fortes conflitos fundiários (Ibid., p. 5).

Sendo assim, ambas regiões têm suas trajetórias marcadas pelos problemas de desigualdade social, concentração de terras e de água e de uma elite mandatária que domina esses territórios. Muitas vezes foram vistas por ideias dicotômicas, que pouco abarcavam a complexidade social que as configuravam: litoral *versus* interior, progresso *versus* atraso, modernidade *versus* tradição, foram temas muito comuns para pensar essas áreas. Tais discursos, acabaram por minimizar essas regiões como subdesenvolvidas e suas populações como o outro a ser civilizado.

O sertão cearense e o chaco seco santiaguense

A região Nordeste do Brasil, compreende os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, Piauí e Bahia. De acordo com Manuel Correia de Andrade, três são as sub-regiões que a compunham desde o litoral ao interior. A Primeira, é a faixa litorânea que vai do Rio Grande do Norte até a Bahia, com algumas interrupções. Dominava ali, principalmente, a cana-de-açúcar e o cacau. É conhecida também como Mata, porque é onde predomina o clima úmido e a floresta. A Segunda, encontra-se na parte Agreste que, às vezes, é interrompida com o contato com a parte do sertão. Por isso, também é compreendida como uma região de transição, porque ora apresenta características que a aproximam da mata e ora que abrange a parte semiárida. A terceira, por fim, localiza-se no sertão, onde compreende-se as grandes extensões do interior do Nordeste,

estendendo-se até o sul de Minas Gerais. Esta sub-região é coberta, quase sempre, pela caatinga, onde existem os chapadões e os cerrados e onde se localizam as secas periódicas. Caracteriza-se também pelos rios temporários, vegetação espinhosa da caatinga, e pecuária extensiva. No entanto, há também nos sertões as grandes ilhas de verdura, como explica Andrade, onde existe uma população mais densa de agricultores, conhecidas pelas serras úmidas e por serem um verdadeiro oásis no meio do semiárido (ANDRADE, 1977, pp. 121-123). Nessas áreas secas, de acordo com Andrade, houve o predomínio da pecuária extensiva de bovinos, caprinos e ovinos, da cultura de xerófilas e de algodão arbóreo; com uma agricultura de vazantes com a mandioca, a macaxeira, o milho, a cebola, o alho, dentre outros.

A ocupação dos sertões nordestinos, pelos colonizadores, se intensificou no início do século XVIII e a população ficou configurada por índios e portugueses, com uma pequena parcela de negros trabalhando nas roças. Foi nesse contexto que, de acordo com Andrade, uma economia agrícola, associada a sucessão hereditária, levou à formação de médias e pequenas propriedades que deram origem aos latifúndios.

Vale destacar, que o sertão foi uma categoria usada no Brasil desde o período colonial. Neste contexto, estava relacionado àquilo que era oposto ao litoral e, por isso foi visto como espaço vazio de civilidade. Também foi pensado, posteriormente, tanto como uma categoria espacial, quanto social, o que o levou a ser bastante categorizado na literatura brasileira desde Graciliano Ramos, ao falar dos sertões do Nordeste, a Guimarães Rosa, ao relatar os sertões de Minas Gerais.

No entanto, vale destacar, que o sertão que analisaremos neste trabalho é a conhecida área do semiárido nordestino, em específico delimitada a partir do polígono das secas, do qual nos referimos acima. Inclusive, o Nordeste, foi pensado a partir deste fenômeno climático, o que implica considerar que a seca foi a definidora desta região. Antes desta delimitação, o Brasil era dividido entre Norte e Sul. A divisão oficial para o Nordeste, de acordo com Manuel Correia de Andrade, surge com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1941 e com a política centralizadora de Getúlio Vargas, que tentava diminuir a autonomia estatal por meio de uma unidade nacional, fortalecendo o poder central (ANDRADE, 1988, p. 5). No entanto, Albuquerque Júnior analisa que o termo Nordeste é designado a partir da atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCs), criada em 1919. Ou seja, o Nordeste foi delimitado em função das áreas acometidas pelas fortes estiagens e devia, assim, receber a atenção devida do poder público federal (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81). Neste sentido, foi a partir destas noções que sertão e Nordeste passaram a ser praticamente sinônimos. Tal panorama é fundamental para compreensão das disputas de narrativas sobre o Nordeste e, em específico, sobre os sertões cearenses.

Já no caso argentino, de acordo com Ana María Giménez e Patricia Hernández (2008), o país apresenta uma grande variedade de climas e uma complexa história geológica, geográfica e biológica, o que lhe proporciona uma diversidade de ecossistemas. O chamado Grande Chaco Americano, é uma grande unidade fitogeográfica com uma extensão de 800 mil km², caracterizada pelo bosque seco. Vale destacar

que o Chaco não é homogêneo e se divide em: chaco úmido, chaco semiárido, chaco serrano e as savanas. No chaco seco encontra-se parte da província de Santiago del Estero, onde existe um forte problema de irregularidade de chuvas e de distribuição de água.

A região Noroeste (NOA), por conseguinte, está localizada no extremo noroeste da Argentina. As províncias que a compõem são Jujuy, Salta, Tucumán, Catamarca e Santiago del Estero. Segundo Guido Frediani, existe a área do chamado Parque Chaqueño, que se estende ao sul das serras de Mato Grosso até o rio Terceiro de Córdoba, dividindo-se em duas zonas: a Oriental úmida e a Ocidental Seca, que ocupa a maior parte das províncias de Formosa, Santiago del Estero, Chaco, norte da província de Santa Fé, Córdoba, oeste de São Luís, Catamarca, Tucumán, Salta e Jujuy (FREDIANI, 1992, p. 112).

Santiago del Estero foi o primeiro centro colonial da governabilidade de Tucumán, tendo sido capital desta província no contexto colonial. Com isso, foi o primeiro assentamento populacional espanhol existente desde 1553. A história da chegada espanhola na Argentina inicia-se pela província de Tucumán e pela corrente colonizadora do Peru e, por isso, os *santiagueños* chamam sua província de “*madre de ciudad*” (CASTIGLIONE, 2012, pp. 27-36). De acordo com Alberto Tasso, Santiago se desenvolveu às margens dos rios Dulce e Salado, com a criação de animais, cabras, vacas, cavalos e mulas, em estreita relação com a floresta e seus recursos, o que teria definido não apenas os principais produtos econômicos exportáveis, como também a organização local, as relações de dominação e os tipos sociais predominantes.

A vida e a agricultura campesinas, até 1870, eram marcadas fortemente pelas tradições indígenas, fundamental para a nova agricultura nas fazendas. Já no século XX, Santiago del Estero assistiu à entrada de imigrantes estrangeiros como espanhóis, italianos, sírios, libaneses, dinamarqueses, russos, os quais se instalaram como comerciantes, agricultores, trabalhadores ou colonos (TASSO, 2003-2004, p. 115 e p. 118). Também acreditamos, neste sentido, que NOA, tenha sido vinculada a certas imagens que fazem parte do seu recorte regional e Santiago del Estero pode ser um exemplo delas: uma terra seca, de uma temperatura extremamente quente, uma província longínqua, relacionada diretamente ao passado colonial e às tradições indígenas.

Dessa forma, entendemos que essas regiões são campos de interações e de movimento, que fazem parte de discursos de dominação, de campos de luta territorial que também são simbólicas. Milton Santos explica que a relação social, por mais parcial ou menor que seja, “contém parte das relações que são globais” (1988, p. 21). Por isso, entendemos que o Ceará e Santiago del Estero estão conectadas com pensamentos mais gerais, porque “a história que se passa em um lugarejo qualquer, não se restringe aos limites desse lugarejo, ela vai muito além” (Idem). Os discursos sobre o Ceará e Santiago del Estero estiveram inseridos em noções e ideias que circulavam tanto no Brasil quanto na Argentina, assim como em toda a América Latina. Isso significa que, de uma maneira mais geral, existe “a história da produção de um fato que desencadeia um processo bem mais abrangente (...) em contextos cada vez mais amplos” (Ibid, p. 21). Especificamente, ideias concebidas sobre

a modernidade fizeram com que os sertões cearenses e o *chaco seco santiagueño* fossem percebidos, em diversos contextos, como o outro a ser civilizado e a seca pode revelar esse imaginário e noção sobre esses espaços.

Os discursos do *Correio da Manhã* e de *El Mundo* nas secas do Ceará e de Santiago del Estero

No Brasil dos anos 1930, como analisa Lúcia Lippi de Oliveira, era o Estado que poderia dar subsídios à coesão nacional; era ele o mantenedor da ordem, o tutor e a consciência da coletividade (OLIVEIRA, 1982, p. 16). Assim, os diversos sistemas simbólicos que Getúlio Vargas adotou reforçaram as relações de força e de dominação que o Estado imporia na definição do mundo social e do que seria o verdadeiramente nacional. Em síntese, a Revolução de 1930, para Vargas e seus dirigentes, era um marco na história do país, porque a Primeira República, em realidade, consolidou um modelo liberal que “só via os valores quantitativos do mundo e pretendia construir um progresso sem cogitar do homem em sua dimensão total [...] excessivamente internacionalista, não atentava para as especificidades nacionais [...] não conseguiria integrar o homem à terra brasileira” (GOMES, 2005, p. 152). Como analisa Angela de Castro Gomes, era primordial reconhecer as potencialidades da população brasileira, desse homem “cheio de virtudes ignoradas”. De acordo com Gomes, havia um discurso que dizia: “a terra era rica e o homem era bom, mas nada disso tinha significado quando abandonado e inexplorado” (Ibid., p. 195).

Já no caso da Argentina, como analisam Anahi Ballent e Adrián Gorelik, se no início dos anos 1930 se pensava a chave estatal, tendo como necessidade homogeneizar o território por meio da modernização urbana, no final dessa década passava-se a buscá-la pelas diferentes modulações rurais (BALLENT & GORELIK, 2001, p. 146). A Argentina, deste contexto, colocou de volta no centro da política os setores agroexportadores e sua modernização conservadora. Ballent e Gorelik, explicam que assim no campo estatal, se viu também um impulso à modernização do interior; um impulso que buscava a “urbanização do país” (op. cit., p. 193). As cidades do interior se industrializariam, as técnicas rurais e os sistemas de posse de terra se modernizariam, a produção se diversificaria e os hábitos regionais se interconectariam. A ideia de uma Argentina “europeia”, como analisam os autores, não seria mais possível. Era necessário que a Argentina se “argentinizasse” (Ibid., p. 147) e que o interior do país se renovasse, oferecendo as reservas para saída da crise que acometia o país. Deu-se, assim, uma modernização radical liderada pelo Estado, e a elite - que havia se instalado no poder para restaurar os tempos da sociedade oligárquica, como ressaltam os autores - foi a mesma que impulsionou a modernização urbana e industrial (Idem). Com a presidência de Agustín P. Justo (1935-1938), houve uma política econômica orientada para o intervencionismo estatal e é, nesse contexto, que a seca *santiagueña* ocorre.

Neste sentido, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008) indaga que devemos entender a região como algo que não é prévio, mas sim fruto de um dado processo histórico. Para o autor, é fundamental

que possamos nos ocupar das historicidades que são formadoras concretas do que se entende por esse conceito. Albuquerque Júnior analisa que a história dos acontecimentos que produzem a região, deve ser entendida como objeto do conhecimento e objeto político. Logo, ela não é algo dado e muito menos é uma realidade inquestionável, mas sim é fruto de “projetos que deram origem a dado recorte regional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 58). Desta maneira, acreditamos que as regiões do Ceará e de Santiago del Estero foram pensadas por meio de uma chave evolutiva “do progresso e do desenvolvimento orgânico” (Ibid, p. 56), que vincula-se a narrativa da modernidade. Tal discurso, qualificava ou desqualificava populações e culturas, as hierarquizava em nome da ciência e da razão. Esse arquétipo tornou-se universal e, como analisa Walter Mignolo (2018), julgava e classificava outros modos de pensar.

Vejam como a ideia de uma sociedade moderna se perpetuava, de forma direta ou indireta, nos discursos dos periódicos *Correio da Manhã* e *El Mundo*. Entendemos que certas visões, em relação ao sertanejo e ao *santiagueño*, se deram por meio de construções discursivas que as viam pelo signo do atraso, se comparadas ao litoral e aos centros urbanos, vistos como signos do progresso. Ao analisar essas narrativas, é importante considerar a produção do sentido de um texto e “voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam” (CHARTIER, 1991, p. 180) essa produção. Os discursos, para Roger Chartier, são formadores de uma sociedade e formuladores de identidades, criam imagens sociais para que se mantenha certo status quo, que podem, inclusive, modificar as relações entre os indivíduos. É o

que autor chama, portanto, de “construção de sentido” de um texto; e essa construção é o que nos interessa para compreensão do que consideramos como narrativas do espaço semiárido.

Iniciamos nossa análise a partir das reportagens do *Correio da Manhã*, jornal de grande circulação do Rio de Janeiro, de grande credibilidade e notoriedade no contexto de 1930. Segundo Ana Paula Freitas, os principais articulistas do jornal entre as décadas de 20, 30 e 40, foram: Edmundo Bittencourt, o próprio proprietário do jornal; Mário Rodrigues, que assumiu a direção do jornal em 1922; Leão Veloso Filho, cujo pseudônimo era Gil Vidal, que teve o cargo de redator-chefe, era formado em Direito e havia tido uma carreira eito política em Alagoas; o senador alagoano Pedro da Costa Rego, redator-chefe em 1923 tendo algumas interrupções nessa função; e Paulo Bittencourt, que recebeu de seu pai a direção do jornal em 1929, dentre outros colaboradores. O *Correio* exercia, portanto, uma forte influência na opinião pública do país (FREITAS, 2005, pp. 73-74) e era voltado para classe média urbana. Intitulava-se um jornal de opinião e isso significava que era “um produto que tentava se desvencilhar dos poderes políticos constituídos, ele mesmo acabou por se tornar um verdadeiro agente histórico da vida social brasileira no tempo em que circulou” (CAMPOS, 2016, p. 238).

Em reportagem de abril de 1932, do *Correio da Manhã*, dizia-se:

[...] Mas, telegramas de ontem, informam que a estiagem prossegue alarmante. Continuam a emigrar os tristes retirantes na cadência monótona de seus passos. As plantações morrem antes de medrar. Os ataques as fazendas e povoados se repetem com mais frequência. E o flagelo. O flagelo prossegue em sua marcha fúnebre pelos campos ressequidos. E em face disso, o Ministro da Viação acaba de tomar novas providências e dar novas instruções para um mais

eficiente ataque ao grande flagelo do nordeste (CORREIO DA MANHÃ, 1 de abril de 1932, p. 4).

O trecho acima pode ser relacionado diretamente às migrações, um tema importante que construiu uma visão de que, nos sertões, migrar era praticamente uma sina, uma condição inata a essas populações. Especificamente esta reportagem do *Correio*, coloca em evidência um campo de disputa comum neste contexto, pois as elites locais encontravam-se descontentes com a retirada dos sertanejos para as capitais e a seca mostrava como isso se dava. Fortaleza vivia, bem como as demais capitais, a tentativa de modernização e ordenamento da cidade. Era necessário, para que a cidade progredisse, que a ordem, o embelezamento, a higienização fossem postos em prática. Quando “desordeiramente” os sertanejos entravam nas cidades com suas famílias, desestabilizavam a elite local, que não desejava solucionar o problema dos sertões e nem mesmo receber esse contingente que, na sua concepção, trazia doenças e estimulava a mendicidade.

Dessa forma, podemos observar que esta narrativa corrobora com uma ideia de que a população sertaneja era atrasada, doente e que, por isso, devia permanecer nos sertões ou, se fosse possível, que o Estado interviesse para que os sertões resolvessem seus próprios problemas. O lugar do sertanejo, no período Vargas, era no sertão, como analisa Verónica Secreto (2007). Havia uma metáfora espacial, a qual afirmava que se cada um tinha um lugar no Brasil de Vargas, o do sertanejo era no sertão. Essa visão também não deixava de vincular-se à ideia de que o Estado devia tutelar a modernidade nessas áreas vistas como atrasadas.

O *Correio da Manhã* ainda dizia: “Os ataques as fazendas e povoados se repetem com mais frequência” [...] Ora, com essa narrativa, o sertanejo não deixava de ser o mesmo que Albuquerque Júnior analisa como mudança inerente à imagem construída sobre essa população, a partir do final do século XIX. Ele era uma fera que abandonava “todos os valores de civilização” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 93), para viver como um retirante, um flagelado. Vejamos se essa noção de civilidade, não é uma característica da sociedade moderna, um padrão de vida que homogeneiza e delimita, rechaçando, estereotipando o que é diferente.

Foi a imprensa, mais precisamente, que tratou com tom de pavor, em diversos momentos da história dos sertões cearenses, a entrada de retirantes na cidade de Fortaleza. Isso porque os periódicos entendiam os sertanejos, e seus costumes, como estranhos, como o não civilizado. Kênia Rios explica que, na seca de 1932, havia a tentativa de consolidar um discurso do civilizado, para que não se permitisse que os flagelados se tornassem bandidos. O projeto procurava “disciplinar os retirantes, buscando ser humanitário e civilizador, ou seja, moderno, em sintonia com o progresso” (RIOS, 2001, p. 37). Se o campo era visto desta forma, podemos vincular tais noções, que subjazem o discurso da modernidade, a uma “ética da verdade” consagrada na colonialidade do poder (GIULIANO, 2018, p. 61). Ou seja, essa noção de modernização universalizou os padrões sociais, culturais, políticos, étnicos e via certas sociedades, como as sertanejas, como o outro, o diferente em relação às cidades. Neste caso, a cidade de Fortaleza, que se entendia como moderna e ordenada, desejava “eliminar”, esconder as diferenças, e o

diferente era o sertanejo, seus costumes e tudo que ele revelava em meio a uma crise climática.

O *Correio da Manhã* também reproduzia reflexões de escritores regionais do Nordeste, como um trecho do livro de José Américo de Almeida, *A Bagaceira* (1928). Tal escolha era emblemática, porque desejava mostrar, por meio da literatura, o que o jornal entendia ser o sertão e a seca, e como ele desejava que isso chegasse aos seus leitores. Um dos trechos escolhidos pelo *Correio*, dizia:

Sobreviveu a sêca de 1858. Só vendo. Como que o céu se conflagra e pegara fogo no sertão funesto. Os raios de sol pareciam labaredas soltas ateando a combustão total. Um painel infernal. Um incendio estranho que ardia de cima para baixo. Nuvens vermelhas como chamas que voassem. Uma ironia de ouro sobre azul. O sol que é para dar o beijo de fecundidade dava um beijo de morte longo, caustico (...) A poeira levantava e parecia ouro em pó (...) Sombras férvidas, como um cinzeiro em brasas. Noites tostadas. Um derrame de luz exaltada que parecia o sol fulminante derretido nos seus ardores.[...] Como era feia a natureza ressecada na sua nudez de pau e pedra; Os rebanhos afflictos prostravam-se no chão esbraseado (...) Era o nordeste, no seu advento pulveroso, aos remoinhos, querendo dançar a ciranda como os retirantes (CORREIO DA MANHÃ, 5 de outubro de 1930, p. 9).

Neste fragmento, a natureza era a principal temática no cenário sertanejo, a culpada pela sina dos sertões. Era fogo, era brasa, era terra seca. O sol era o elemento de destruição, era ele que em vez de levar vida, ocasionava a morte da população do sertão. O vento era o próprio sopro do inferno. A natureza tornava-se vilã. O sertanejo era um herói, porque conseguia sobreviver a isso tudo, e todo esse espetáculo representava o Nordeste, de modo que Américo de Almeida³ terminava

3 Américo de Almeida nasceu na Paraíba, criado em um engenho no município de Areias. Formou-se em Direito em 1908, pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1915,

esse trecho reproduzido no jornal dizendo: “Era o nordeste, no seu advento pulveroso”. Consideramos que estas ideias narradas por Américo de Almeida, estavam relacionadas ao que Albuquerque Júnior explica: em a *Bagaceira*, Almeida estava influenciado tanto pelo naturalismo e pelo modernismo, quanto motivado pelas ideias de Gilberto Freyre e sua estética modernista e regionalista, assim como pelas ideias de Euclides da Cunha e seu cientificismo positivista e metafórico, principalmente pela influência do binômio litoral *versus* interior. Com isso, o meio natural é, em Américo, como citamos acima, um meio de diferenciação e o sertanejo um tipo racial superior, pois só ele era capaz de superar o problema natural das secas, que impedia o Nordeste e a sociedade sertaneja de se afirmarem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 157). Portanto, Américo de Almeida, homem envolvido nas ideias de modernidade e progresso nacional, refletia esse Nordeste e esses sertões pela via do que Albuquerque Júnior chama de “racionalidade burguesa”, ou seja, devia-se conciliar o moderno com o tradicional. “O Nordeste deveria se modernizar sem perder o seu caráter, leia-se, sem ter modificadas suas relações de dominação” (Ibid., p. 158).

Logo, quando o *Correio* se apropriou da narrativa de José Américo de Almeida, desejava mostrar um sertão que apesar da tristeza, da terra seca, de uma vida de penúria, podia modernizar-se, porque sua população era resistente e resiliente. Novamente a modernidade era um

lhe foi pedido que fizesse um inventário geográfico e social do estado da Paraíba, que resultou em seu livro *A Paraíba e seus problemas* (1923). Depois escreveu seu célebre livro *A Bagaceira*, famoso pelo realismo, por uma literatura reformista e pelas influências euclidianas. Assumiu, logo após a Revolução de 1930, a interventoria da Paraíba. Quando Vargas tomou posse, foi nomeado Ministro da Viação e Obras Públicas do seu governo. Também foi autor dos livros *O boqueirão* e *Coiteiros*, em 1935 (ABREU, 2001).

discurso que se fazia muito presente para pensar os sertões nordestinos. Se o sertão não prosperava era a culpa do clima e da geografia sertaneja. Esse tipo de visão, de uma natureza-problema, colocava no meio ambiente o determinante das causas da desigualdade existente e na seca o problema que fazia dos sertões a terra de pobreza. No entanto, isso revelava, em realidade, que um jornal da capital, ao fazer esse tipo de escolha narrativa, por mais que desejasse trazer à tona os sertões para o país, por mais que quisesse colocá-lo positivamente em evidência, não saía do senso comum daquilo que Albuquerque Júnior nos convida a pensar sobre os saberes que dão forma às regiões, que conferem identidade e que as definem (Op. cit, 2008, p. 58).

Dentro de um panorama bastante similar, vejamos como o jornal *El Mundo*, de Buenos Aires, relatou a seca *santiagueña*. *El Mundo* também era um periódico de grande tiragem no contexto de 1930. Beatriz Sarlo (2003) aponta que o periódico tentava se diferenciar dos diários que ela chama de “señores”, os órgãos escritos e lidos pela classe política e pelos setores ilustrados. Proporcionava, segundo a autora, um material com artigos breves, que podiam ser lidos por inteiro em uma viagem ao trabalho. *El Mundo* tornou-se uma fonte de ocupação para os escritores recém-chegados ao campo intelectual, a exemplo de Roberto Arlt.

Sylvia Saítta afirma que, no período dos anos 1920, os diários de cunho massivo e comercial surgem e se apresentam publicamente como populares, buscando representar o interesse das massas de anônimos leitores. Justificam sua existência através de um determinado tipo de representação do popular, diferenciando-se dos diários do século XIX (2000, p. 438). No entanto, como aponta a autora, *El Mundo* se diferencia

do periódico *Crítica*, que circulava neste mesmo período, pois se definia como “veículo de propaganda”, ou seja, convocava os comerciantes e empresários com enunciados chamativos, para que os futuros anunciantes vendessem seus produtos no jornal (Ibid., pp. 446-447). Nesse sentido, de acordo com Alejandro Cattaruzza, os diários passavam a ser empresas comerciais, cujo objetivo central era ganhar dinheiro, embora tenham se transformado em elementos de constituição e orientação da opinião pública (2009, p. 84).

Nos atentaremos, nesta análise, as crônicas de Roberto Arlt em *El Mundo*, intituladas *El infierno santiagueño*, e acreditamos que ele tenha sido o porta-voz do que *El Mundo* desejava mostrar sobre a seca *santiagueña* em 1937. A primeira publicação de Arlt é data de 1926, quando escreveu *O Brinquedo Raivoso*. Já em 1929, escreveu *Os Sete Loucos*, em 1931 o livro *Lança-chamas*. Posteriormente, escreveu *O Amor Bruxo* (1933), *O Corcundinha* (1933), livros de contos e, mais tarde, enveredou para a produção teatral. Segundo María Kulikowski, Arlt sabia que dominar a escrita em sua complexidade, “era uma arma de poder da qual estavam excluídos a grande maioria dos argentinos, e sobretudo os imigrantes” (KULIKOWSKI, 2000, p. 106). Arlt era filho de pai alemão e de mãe italiana, seu sobrenome alemão denunciava, de acordo com Janete Elenice Jorge, “sua origem estrangeira, em uma Argentina que exaltava o nacionalismo e a busca de uma identidade nacional” (JORGE, 2014, p. 539).

De acordo com Beatriz Sarlo, a literatura de Arlt tinha um tom realista que continha um imaginário extremista e uma dureza, com uma forte crítica ao moralismo e ao sentimentalismo, principalmente, porque

o sentimentalismo abrandava a realidade. Como a autora aponta, “*Arlt es un transgresor de las reglas de lo verosímil*” (SARLO, 2007, pp. 232-235) toda sua literatura tende a hipérbole, suas narrações são extremistas, porque falavam do que ela chama da vida dos miseráveis, dos pobres, dos excluídos e sua literatura estava destinada a um público mais popular. Sarlo chama essa característica arltiana de uma “*literatura plebeyo*” (SARLO, op. cit, pp. 232-235). Para Laura Juaréz, há uma nova fase na escrita de Arlt nos anos 1930 em que os textos passam a narrar e mostrar o que estava à “margem” das grandes notícias, o que era visto como o exótico e o outro (JUARÉZ, 2011, p. 793), e é essa fase que se encontra as crônicas sobre a seca *santiagueña*.

Iniciamos a análise, com uma das crônicas de Arlt em que ele narrava:

- “Antes de irnos a dormir cerramos el aljibe con candado - me dice una señora, que a continuación agrega refiriéndose a otra persona. - “A esa pobre viejita, le damos de caridad, todos los días, un balde de agua para ella y sus hijos.” Y un balde de agua aunque a ustedes les parezca mentira, es caridad. Sobre todo en este país de sesenta grados de temperatura al sol. Y digo: Felices de aquéllos que viven en el suburbio gaucho del pueblo. Felices de aquéllos cuya casa está a un kilómetro de la estación. ¿Qué diré de aquellas mujeres que vienen de tres y cuatro kilómetros de distancia a buscar agua? ¿Que diré de esta vía crucis cotidiana que viven las pobres mujeres y los desdichados niños de todos los montes próximos a las poblaciones de Santiago del Estero? ¿Pueden imaginarse ustedes lo que es “caminar a pie” en picadas de tierra ardiente, una legua, dos leguas, cargando sobre la cabeza una lata de agua que pesa quince kilos? - No; yo creo que ustedes no pueden imaginárselo. En cambio si pueden imaginarse este drama, las mujeres árabes que yo he visto en Tánger y Tetuán, caminar leguas y leguas cargadas de pilas de carbón.¡Oh! Qué claro lo recuerdo! Entonces creía que ese espectáculo sólo podía encontrarse en África. Y me admiraba grandemente. Ingenuamente. No sabía que en la Argentina, las campesinas santiagueñas vivían unas penurias semejante (ARLT, El Mundo, 14 de diciembre de 1937, p. 6)

Trata-se da história de uma senhora que contava seu ato de caridade, certa vez deu um balde de água para uma velhinha e seus filhos. Dizia a senhora: especialmente neste país de sessenta graus de temperatura ao sol, onde mulheres vinham andando três e quatro quilômetros em busca de água, numa via crúcis cotidiana. Comparava-se a vida da população rural *santiagoueña* ao martírio bíblico das caminhadas sedentas e redentoras de uma gente, principalmente das mulheres, que se deslocavam a pé em uma terra ardente, léguas e léguas, carregando sobre a cabeça uma lata de água que pesava 15 quilos. A ideia quase “maculada”, “mítica”, de uma população sedenta, se faz muito presente nos imaginários sobre os sertões cearenses. Encontramos aqui, uma leitura sobre a seca e sobre Santiago bastante semelhante à brasileira: as retiradas em busca de água e as mulheres que carregam lata d’água nas cabeças. Quantas vezes se vê em fotografias sobre os semiáridos nordestinos esse tipo de imagem que destaca mulheres e suas latas de água? E como isso perpetuou uma visão unívoca de que onde existe sertão, há sede?

No caso *santiagoueño*, o drama da natureza e do binômio ausência/presença de água, delineado pela necessidade do controle desse elemento, faz parte da narrativa sobre esse território ao longo dos séculos. Quando Arlt finaliza o trecho acima dizendo que esse espetáculo só se podia encontrar em África, corrobora com uma visão muito semelhante ao caso brasileiro: o olhar sobre o outro, o exótico, o estranho também se fazia presente. A África, na crônica arltiana, é vista também pelo olhar estigmatizado de uma região que vive em estado de

pobreza, como se o continente fosse um só conglomerado de pessoas vivendo em estado de calamidade.

Acreditamos que essa visão sobre Santiago, também foi construída historicamente desde a entrada do signo da modernidade no século XIX, precisamente com o início da construção do seu Estado provincial em 1851. Cintia Zirino aponta que, no imaginário nacional, Santiago del Estero representa condições de pobreza e marginalidade devido ao seu espaço geográfico e às características ambientais que não são favorecidas pela abundância de água (2008, p. 1).

Além disso, de acordo com Rossi, se naturalizou essa condição, no que se trata da província, porque quando a elite liberal *santiagueña* tentou ingressar no mundo moderno, o fez a partir da tríade modernidade, progresso e razão, com uma política de exclusão social das maiorias (ROSSI, Op. cit, p. 11). Para a autora, Santiago tem uma história do poder familiar tão naturalizado, que é comum falar de famílias que dominam o poder político, que raramente houve quem interrogasse sobre o significado mais profundo dessa questão (Ibid, p. 25). Rossi explica que uma classe oligárquica dominante na região se consolidou a partir de um formato clientelar, que excluiu todos aqueles indesejáveis fragmentos de uma antiga sociedade que se queria modificar e que poderia atravancar o caminho do progresso (Ibid, p. 50). Mesmo que em 1930, como apontamos, tenha existido uma vertente intelectual que entendia províncias, como Santiago, enquanto autênticas, acreditamos que o olhar de Arlt não deixa de atrelar-se a um padrão de sociedade moderna, que entendia muito mais as regiões como a *santiagueña*, pela via

da pobreza, da miséria, do que conseguia problematizar as questões locais existentes.

Novamente podemos pensar Santiago dentro daquilo que Albuquerque Júnior considera fundamental para uma história regional: entender que o que caracteriza uma região é a legitimação de dadas formas de saber “que se materializam em ações e discursos”, práticas discursivas e não-discursivas. “A região é, em grande medida, fruto dos saberes, dos discursos que a constituíram e que a sustentam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 59). Por isso, Arlt faz o que consideramos como narrativa do espaço regional; espaço que é campo das relações sociais e de subjetividades.

Ao refletirmos sobre esses aspectos, podemos perceber que a ênfase do relato arltiano reforçava a antiga visão de um chaco seco que vivia sob a mancha da barbárie, ou da ausência do mundo civilizado. Logo, Arlt não conseguia se desvencilhar do olhar de estranhamento do cronista da capital em meio àquelas cenas. Podemos refletir tal situação como Milton Santos explica, a cidade aparece “como uma semente de liberdade” (SANTOS, op. cit, p. 19) com a ascensão do capitalismo. Ou seja, a cidade era “um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se, então, que é a cidade lugar de ebulição permanente” (Idem). Portanto, nessa perspectiva, o meio rural se tornava o atraso e a cidade o progresso.

Em outra crônica, Arlt expunha um tom de angústia sobre Santiago del Estero, quando dizia:

La muerte se ha emboscado tras de todo lo que aún sobrevive. De tanto en tanto, un rancho. Un rancho vacío. Aquí, anteriormente hubo gente, ganado. Ahora no queda nadie. La sequía ha matado el ganado y criadores de animales se han dispersado. O han muerto. Las

puertas de tablas de estos refugios están abiertas, se entra y en el suelo encontrarse nada. A veces, desde trescientos aproximarse al rancho. Entonces ya se presume. En su interior hay una vaca muerta. O un caballo muerto. Los animales, enloquecidos por la sed y el hombre buscan cualquier rincón de sombra para morir. Uno de los espectáculos más siniestros que he visto ha sido en el interior de un rancho. Había una cava que aparentemente estaba muerta. La cabeza caída en el suelo. Inmóvil. El cerdo de un rancho próximo hundió el hocico en ese vientre y arrancó un pedazo de pellejo con carne. Entonces la vaca levantó lentamente la cabeza y la volvió a dejar caer. El cerdo continuó devorándole el vientre al animal, que estaba vivo (ARLT, El Mundo, 9 de diciembre 1937, p. 6).

Vemos aqui um lugar vazio, de morte, onde não há nada. A seca matou os animais e seus criadores fugiram. A cena com vacas e cavalos mortos chama atenção do leitor para o grotesco. Os animais estavam enlouquecidos pela fome e pela sede. Um porco comia o *“vientre al animal, que estaba vivo”*; a cena pairava e evidenciava um estado de barbárie imposta pela seca, estado que poria no limite até mesmo o mundo animal. Ora, minimamente, mesmo que Arlt tenha se valido de uma narrativa escritural que tinha por intuito denunciar a situação *santiagueña*, sua fala acabava por trazer à tona uma região desolada, onde permeava o medo e a angústia. A natureza acabava ganhando espaço de culpabilizadora das questões existentes na região e era estereótipo da incivilidade. Tal narrativa podia levar o leitor da capital Buenos Aires a pensar que toda a província vivia em um estado de desordem, de caos, o que ia de encontro a uma Buenos Aires moderna e ordenada, que desejava estabelecer um modelo de progresso.

Consideramos, assim, que se Arlt narrava a vida dos pobres, dos miseráveis, também podia, de algum modo, reforçar estereótipos que

acabavam fazendo parte da própria trama da desigualdade social e regional que acometia Santiago del Estero e que independia da seca.

Como Mignolo propõe, certos modos de pensar fazem parte de uma ferida colonial que atravessa vários períodos históricos da América Latina. São os legados de um modelo de modernidade e progresso que residem em um princípio universal para julgar, logo, examinar e avaliar o outro, que é visto como diferente (GIULIANO, op. cit., p. 59). Podemos refletir, neste sentido, que esses legados universalistas estiveram contidos em alguns pontos das narrativas dos periódicos *Correio da Manhã* e *El Mundo*. Para Quijano, a modernidade, a democracia, a unidade e o desenvolvimento são fantasmas que pairam, ainda hoje, sobre o imaginário latino-americano (2005, p. 24).

Considerações Finais

Os semiáridos do Ceará e de Santiago del Estero, como mostrado, são áreas passíveis de uma análise comparada, tendo a ideia de região como centro de um campo de disputa tanto político, como simbólico e subjetivo. As narrativas do *Correio da Manhã* e de *El Mundo*, por meio de Arlt, revelavam o quanto as capitais do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, em meio a uma crise climática, ou mesmo em meio a uma necessidade de reconhecer esses espaços, acabavam por reforçar estereótipos que fizeram parte da construção dessas regiões ao longo de séculos.

Assim, também é fundamental que ao pensarmos nas narrativas do espaço, tendo como exemplo emblemático o Ceará e Santiago del

Estero, possamos voltar nosso olhar para a compreensão de que a região, como analisa Albuquerque Júnior, configura-se como modo de pensar, de expressar jeitos, corpos, gestos, modos de vestir e alimentar. Elas nascem, portanto, das práticas de significação e de ordenamento do mundo feito pelos homens (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, pp. 61-62). Tal como Santos conceitua e, também, Albuquerque Júnior, a região é movimento. Por isso, consideramos que, ao analisar os discursos do *Correio da Manhã* e de *El Mundo*, foi necessário um processo de desconstrução dessas regiões, de desnaturalização de visões já concebidas sobre elas, principalmente ao que tange a dicotomia atraso *versus* modernidade.

Ora, a segregação do espaço é um tema importante para pensar essas regiões. Havia o medo dos centros de poder, tanto da seca, como da população semiárida, porque ela desordenava seu cotidiano, trazia aos seus olhos a pobreza e a desigualdade social. O lugar tornava-se campo de disputa e o sertanejo e o *santiagueño*, não se encaixavam em certos espaços, porque não pertenciam àquilo que a elite local considerava como ordem, ou mesmo como civilidade.

Também podemos pensar que havia uma ideia geral de que essas populações eram resignadas, fortes, resistentes e que somente a natureza dura, seca, era responsável por suas mazelas. Muitas vezes, por isso, existia uma concepção quase mítica, uma romantização desse universo rural, como se os mesmos vivessem em um passado, longe das influências externas, ou mesmo desconectados das cidades. Essa visão, que recai novamente em uma narrativa do espaço, desqualificava essas populações, como se não fossem sujeitos das suas trajetórias e vivessem

à mercê ou da natureza (vista como problema) ou do Estado e da elite local, vistos como seus salvadores. Compreendemos que tal narrativa que colocava os sertanejos e os *santiagueños* do chaco, como o outro, estava vinculada ao modelo de sociedade moderna ocidental, que tentou se consolidar eliminando a diferença e escamoteando as desigualdades sociais e, até mesmo, regionais existentes.

Se no Brasil, como analisa Gomes, a terra era boa e só estava inexplorada, pensar os sertões como o inóspito e o sertanejo como o diferente, ainda era uma questão central para o governo intervencionista de Vargas. Novamente, a região tornar-se esse lugar que encarna paixões, disputas, narrativas. No caso da Argentina, como analisam Ballent e Gorelik, se era preciso que o ambiente rural se renovasse e se modernizasse, podemos pensar se as narrativas de Arlt, em *El Mundo*, não estavam conectadas à necessidade latente de intervir nesses espaços em nome da modernidade. Também podemos refletir que, quando Arlt colocava em evidência uma natureza dura, onde vivia uma população resistente, ele também estava inserido na conjuntura de uma Argentina que devia se “argentinar” nos anos 1930 e que devia reconhecer as grandezas e limitações do seu território. Tanto *El Mundo*, quanto o *Correio da Manhã*, acabavam por ver a população *santiagueña* e cearenses, como o outro e a região como distante da vida moderna. Logo, modernidade *versus* atraso, ou progresso *versus* tradição, ainda faziam parte, mesmo que implicitamente, das visões plasmadas historicamente sobre esses territórios.

Por isso, desejamos ter evidenciado que refletir sobre uma seca, como um momento político por excelência, é também trilhar um

caminho possível de análise comparada entre Brasil e Argentina. É considerar que todo território é campo de disputa de poder e é formado por narrativas, subjetividade, movimento histórico e relação social.

Referências

ABREU, Alzira Alves de [et.al.] (Coord). **“José Américo de Almeida”**. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB). Rio de Janeiro: Editora FGV: FGV CPDOC, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_a_merico_almeida, acessado em 18/07/18 às 20:45.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**. Dourados, MS, v. 10, n. 17, pp. 55-67, jan./jun. 2008.

_____. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia**. 2ª ed, - São Paulo: Cortez, 2012.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Paisagens e problemas do Brasil**. (Aspectos da vida rural brasileira frente a industrialização e ao crescimento econômico). 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

_____. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1988.

BALLENT, Anahi y GORELIK, Adrián. “Pais urbano o país rural: la modernización territorial y su crisis.” En: CATTARUZZA, Alejandro (Dirección de Tomo). **Nueva Historia Argentina Tomo VII**. Crisis económica, avance del Estado e incertidumbre política(1930-1943). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001, pp. 143-200.

CAMPOS, Raquel Discini de. Floriano de Lemos no *Correio da Manhã*, 1906-1965. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, nov. 2013, pp. 1333-1352, p. 1334.

_____. O Correio da Manhã (1901-1974) e a educação para a beleza feminina. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 29, n. 1, Jan./Jun. 2016, pp. 237-254

CASTIGLIONE, Antonio Virgilio. **Historia de Santiago del Estero**. Muy noble ciudad (siglos XVI, XVII y XVIII). 1ª ed, Santiago del Estero: el autor, 2012.

CATTARUZZA, Alejandro. **Historia de la Argentina (1916-1955)**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

CHACON, Suely Salgueiro. **O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

_____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**. 11(5), São Paulo, 1991, pp. 173-191.

FREDIANI, Guido. Aspectos económicos en la zona semiárida de Santiago del Estero. Academia Nacional de Agronomía y Veterinaria (ANAV). Trabajos del tomo XLVI. **Anales de la ANAV**, Santiago del Estero, Argentina, 1992, pp. 105-115.

FREITAS, Ana Paula Saraiva. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005.

GIMÉNEZ, Ana Maria y HERNÁNDEZ, Patricia. **Biodiversidad en ambientes naturales del Chaco Argentino**. Vegetación del Chaco Semiárido Provincia de Santiago del Estero. Fascículo 1 – Argentina: Lucrecia Editorial, 2008.

GIULIANO, Facundo. “Manifestación IV: descolonizar la ética, practicar una étnica descolonial.” En: GIULIANO, Facundo (comp.) **¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolítica del conocer**. 1ª ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018, pp. 57-120.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23, set. 2004, pp. 1-20.

JORGE, Janete Elenice. Roberto Arlt, um escritor torturado? **Revista Estação Literária**. Londrina, vol. 12, jan. 2014, pp. 537-559.

JUARÉZ, Laura. Literatura y crónica de los hechos en “tiempos presentes” y “al margen del cable”, de Roberto Arlt. **Revista Iberoamericana**, vol. LXXVII, núms. 236-237, Julio-Diciembre 2011, pp. 789-811.

KULIKOWSKI, María Zulma M. Roberto Arlt: a experiência radical da escrita. **Revista USP**, São Paulo, nº 47, setembro/novembro 2000, pp. 105-128.

LOIS, Carla Mariana. Desierto y Territorio: imágenes decimonónicas del Gran Chaco Argentino. **Mundo de antes**, nº 21. Instituto de Arqueología y Museo (UNT), 2011, pp. 97-117.

MAILHE, Alejandra. Ricardo Rojas: viaje al interior, la cultura popular y el inconsciente. **Anclajes**, vol. XXI, nº 1, enero-abril 2017, pp. 21-42.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, pp. 287-324, 2008.

_____. “Si, podemos.” En: GIULIANO, Facundo (comp.) **¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolítica del conocer**. 1ª ed.-Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Introdução”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (orgs.). **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, vol. 19 n. 55 São Paulo Sept./Dec. 2005, pp. 9-31.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração do Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretária de Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

ROSSI, María Cecilia. **Espacios y relaciones de poder**. Su articulación en Santiago del Estero durante el proceso inicial de implante de la Modernidad. 1851-1875. Tesis de doctoral Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad nacional de La Plata, 2004.

SAÍTTA, Sylvia. “El periodismo popular en los años veinte.” In: FALCÓN, Ricardo (org.). **Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)**. Tomo VI de la Nueva Historia Argentina. Sudamerica: Buenos Aires, 2000. pp. 435-471.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARLO, Beatriz. **Modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930**. 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. **Escritos sobre literatura Argentina**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da Borracha**. Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

TASSO, Alberto. Un caso de expansión agraria seguido por depresión. Santiago del Estero, 1870-1940. **Población y sociedad**, nº 10/11, 2003-2004, pp. 109-136.

TASSO, Alberto & ZURITA, Carlos. Aves de paso. Los trabajadores estacionales de Santiago del Estero. **Trabajo y Sociedad**, nº 21, Invierno 2013, Santiago del Estero, Argentina, pp. 33-47.

VILLALBA, A. E., GÓMEZ HERRERA, A. G., & PAZ, R. G (2020). Comunidades rurales en reedición: encierros comunitarios y ganaderos en Santiago del Estero (Argentina). **Revista de Economía e Sociología Rural**, 58(3), pp. 1-17.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 353-384

ZIRINO, Cintia Romina. **Características de la estructura agraria en Santiago del Estero durante la década de 1940**: Hacia una historia social del campesinado. Tesis en Licenciatura en Historia de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires (UBA), 2008.

Fontes

Agrava-se a seca. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, Ano XXXI, nº 11.442, 1 de abril de 1932.

ARLT, Roberto. El infierno santiagueño. Agonía de Bestias. **El Mundo**. Buenos Aires, Año X, nº3 478, 9 de diciembre de 1937.

_____. El infierno santiagueño. La angustiosa búsqueda del agua. **El Mundo**. Buenos Aires, Año X, nº 3483, 14 de diciembre de 1937.

Uma história que se repete, A Bagaceira. J.A de Almeida. **Correio da Manhã** (Suplemento). Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 10979, 5 de outubro de 1930.

CANAL-FEIJÓO, Bernardo. **El Norte**. Colección Buenos Aires. Buenos Aires: Emecé Editores S.A, 1942.